N.º 164 (4.º)—(286)—6.º ANNO Quinta-feira, 1 de Janeiro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**
DIRECTOR EDITOR
Estevão de Carvalho
SECRETARIO DA REDACÇÃO
Arlindo Boavida
Composto, Impresso e Gravado:
Nas Officinas Graphicas do Jornal O Zé
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Succesor do jornal O XUÃO
Redacção e administração, Rua do Poço dos Negros 81

FAZES CÁ UMA FALTA...

Para continuação das fitas biologicas-superaviteiras-homericas, é que eu estarei puxando a corda?

Bôas festas

Todos por este tempo vestem casaca nova! Até nós. Melhoramentos, em breve surprezas, boas festas aos leitores e brôas... de piadas boas. Tambem o tempo não é senão para alegrias. Portugal chegou ao ponto culminante da felicidade das nações. Proclamada a Republica, o regimen da Liberdade, humanitario e digno, soergueu-se o nivel moral da raça portugueza! O paiz prospèra a olhos vistos! Acabadas as lutas politicas que eram o pão nosso da monarchia, lutas de ganancias e odios e ambições, terminada a voragem das emprezas altamente remoneradas, todos vivem, cada qual em seu canto, ditosamente contentes e felizes! O paiz tem dinheiro, está rico; os superavits *constantes mostram os cofres publicos cheios de dinheiro, o exercito é uma familia enorme, armada e valoroza, temos uma esquadra em projecto e a instrução abunda do norte ao sul do paiz! Nós, humildemente tambem queremos cooperar n'esta alegria da patria portugueza. E, é encetando um novo anno que nos apresentamos á fama costumada!* rire... voilá tout! *Rir d'este e d'aquelle, troçar d'uns e d'outros, de todos, levar ao ridiculo tudo, brincando, gargalhando... eis o nosso programma politico de sempre! Como nunca, porém, seremos governo, não deixarémos de o cumprir. E para começar lá vae... um sonho de natal, excentrico como todos os sonhos, que nos assaltou a noite passada.*

«Era em Lisboa no dia 1 de Janeiro, não sei de que anno! O Paço dava beija-mão e recepção aos politicos, dignitarios e alta linhagem! O Rei D. Affonso VII vestia de general, polainas á Chantily, cordões dourados. A seu lado a rainha D. França toda de seda branca, decotada, trazia um «aigrette» na cabeça, e reclinava-se docemente sobre o hombro do marido. Era a hora da recepção; na ante camara sussurava-se já alto, immensa gente aguardava que o reposteiro-mór, o sr. Amaral, désse ordem para o desfile de quantos queriam cumprimentar Suas Magestades. A's duas horas prefixas começou o desfile.

Primeiro o ministerio: Teixeira de Sousa, Cerveira d'Albuquerque, Amaral, Alpoim, etc., empunhavam as suas pastas vermelhas e ao passarem junto do throno, ajoelhavam e beijavam a mão augusta da rainha e de seu espôzo. Depois vinha o Commandante da Guarda Municipal «O Abreu»; o commandante da policia o Borges; vinha o governador civil o Ribas; vinha o commandante da divisão o Valle; etc., etc.

A' porta aguardavam os ministros extrangeiros da China e do Brazil, uma commissão de vinhateiros do Alto Douro com o sr. Alexandre Braga, chefe d'aquella provincia, uma commissão de fogueteiros abastadissimos capitalistas desde que se começou a fazer uzo d'elles n'este reinado; as 11 mil virgens da capital, peccadôras que por real graça foram resgatadas. Cá fóra tocava uma banda o Hymno de S. Roque, e, por decreto sahido no «Mundo», «Diario do Governo» toda a gente da cidade era convidada a vir debaixo das janellas do palacio aguardar occasião para se manifestar.»

Eram 4 e meia quando n'um landau *aberto, a 4 parelhas suas magestades passeiam pela Avenida com os seus batedores de verde e rubro sempre cumprimentados pela gente que passava junto. A' noite havia recita em S. Carlos, o* Serão da Intanta *ou* 500.000 réis a arder, *poema symphonico do maestro Macieira com muzica da camara... pelo sr. Hugo Coutinho! E as senhoras da nossa primeira sociedade todas decotadas assistiam á recita de gala; entre ellas lembra-nos ter visto a D. Rodrigues, a D. Bastos, a viscondessa Castro, a baroneza da Ribeira Brava e os ministros plenipotenciarios Urbano, Covões, etc., etc.»*

Quando acordei era a creada a trazer-me um belhetinho de boas festas do carteiro! Ai que sônho, que sônho! Quando cahi na realidade, aquelle bilhete modesto, pobre, do meu correio, despertou-me pena immensa pelos pobres! Bôas festas, alegrias, vida!!! Montras cheias de gulodices, tentações, a brilharem, a seduzirem; dôces, manjares, brinquedos, luz a rodos, gente, muita gente que passa, e que aconchegada nos velludos, nos abafos não sente o frio cortante das tardes! Brouhaba enorme d'uma cidade que goza, que ri... o Natal, o Anno Novo... e pobre dos pobres, sem terem um menino Jesus que lhes vá pela chaminé dar mimos! Se elles nem teem sapatos, *se elles nem teem chaminé, nem casa, nem lar! O frio cortante gela mais as mãositas pequenas dos pobres, dos famintos... e no entanto, só se ouve na bocca de todos, n'um sorriso humanitario...* boas festas, boas festas!

Ah! não, não! Hoje não ha mais sorrisos, nem galhofa! Hoje ha apenas uma saudação, um desejo ardente de que os outros, os pobres, os desgraçados, tenham um pão e um calor amigo a dar-lhes o seu quinhão d'anno nôvo, *de festas! E' para elles o nosso «boas festas» para os eternamente oprimidos, para os eternamente infelizes.*

Fulano de tal.

O ZÉ

Deseja a todos os seus assinantes, agentes, amigos e demais leitores, festas muito felizes e um novo anno de prosperidades

---

1914

ANNO NOVO

Mais um anno que nasce, outro que vae,
mais um anno que morre, outro que vem,
e n'esta rotação que a Vida tem,
tanto mortal se eleva e tanto cae.

Vem tanta filha ao mundo sem ter pae,
e nasce tanto filho sem ter mãe;
gente que vae vivendo sem ninguem,
sem um queixume só, sem dar um ai!

Felizes uns, são outros desgraçados,
uns muito ricos, outros pobresinhos,
que vivem pela Fome triturados!

Oh! Anno novo, espalha os teus carinhos
Por esses entes nús, esfarrapados,
Que vês sulcando as pedras dos caminhos!!

Vid'alegre.

Anno Novo!

Mais um anno, meus senhores, mais um anno, e nós faltariamos a um dos nossos mais sagrados deveres, como dizem os oradores entusiasmados, se não agradecessemos aos nossos estimaveis leitores todos os favores que nos teem dispensado, e não felicitassemos pela entrada do novo anno.

Oxalá que elle surja para vós sorridente e venturôso, cheio de paz e amôr e repleto de saúde e fraternidade de que sois dignos.

Como todos vós sabeis, ilustres luzitanos, o anno que acaba d'exalar o ultimo suspiro na noite fria e sarumbatica de hontem, foi bastante remexido, e a politica andou por vezes algo ensarilhada.

Desde que os ultimos figurinos, anunciaram que a moda seria revoluções, prizões, rebeliões, remoções e outros substantivos terminados em *ões*, foi um louvar a Deus. (Reparem porem, que o Deus a que nos referimos não é o senhor Jesus Cristo, mas sim nosso senhor *Jasus* Cósta. Fazemos esta explicação em virtude de não nos convir ser empastelado por emquanto e nada mais.)

Emfim, como dissemos no ultimo numero, o passado anno, foi fertil em tudo. Desde as revoltas radicaes, que se liquidaram numa simples viagem d'estudo a Angra do Heroismo ou numa excursão forçada ao forte d'Elvas, até ás pantominas monarquicas, com o Coutinho de pera affonsista e o pobre Manolo separado á força do talamo conjugal, tudo contribuiu para que fosse um anno memoravel, digno de ficar escrito em letras... esmaltadas, que são as mais resistiveis ao tempo, nas grandes e gloriosas paginas da historia portuguêza.

Vermos a náu republicana, navegar tranquila e progressiva num oceano calmo, de venturas e felicidades, e que o novo anno fosse uma serie de 365 dias felizes, em que todos trabalhassem desinteressadamente e sem desfalecimentos, para o resurgimento da nossa querida patria, seria o verdadeiro ideal de todos os patriotas sinceros.

Que o novo anno seja favoravel a isso tudo, e que a estrada preciosa da vossa vida seja iluminada pela luz benefica e nunca demasiada da felicidade, sem esquecer o «Almanach d'«O Zé» que deve estar sempre na vossa meza de leitura, na agradavel missão de vos distrahir, são os nossos mais sinceros desejos.

Concertos Blanch

Dar-se-ha o 4.º concerto da orchestra symphonica, dirigida pelo notavel maestro Pedro Blanch, no theatro da Republica, no proximo domingo. Mais outra vez veremos a elegante sala cheia por completo, com todos os seus logares tomados, pois que o programma é de todo tentador pelas audições que repete e pelos trechos que apresenta em primeira audição. O conjuncto que Blanch conseguiu para a sua orchestra é primoroso, tendo reunido, sob a sua intelligente batuta, os nossos mais notaveis artistas, garante-lhe uma epocha muito feliz.

Anno novo

(A minha esposa Ilda Dumont)

O dia mais festivo e mais brilhante
Que em todo o mundo em galas se reveste
Um novo anno começa, bôm ou péste,
Anno de f'lecidade ou definhante.

A Republica amada sempre ávante
Caminhará com honra p'ra que preste,
Ao Paiz sem que alguem se manifeste,
Em contrario senão 'scória aviltante.

Novo anno, nova data, nova vida
Data que para mim esposa qu'rida
Me faz sempre esquecer dias tyrannos.

1 de Janeiro, dia bem amado
Que é por mim duplamente festejado
Por ser tambem o dia dos teus annos.

Orlando.

Subordinado á epigrafe — **Os homens de amanhã,** publicou o *Diario de Noticias* de 24 de dezembro, hontem findo, um notavel artigo, do qual extraimos os seguintes periodos;

«A obra de saneamento moral dum povo tem de começar pela infancia, cuja cultura e educação não pódem ser abandonadas por um só momento sem que nos exponhamos aos maiores perigos.

Julgamos não exagerar afirmando que a principal causa do poderio imenso de Inglaterra, do engrandecimento da Alemanha, da notoria prosperidade da Belgica, da Suissa, do Japão e de outros paizes grandes ou pequenos, está precisamente na solucitude com que os seus dirigentes se teem ocupado de formar o caracter das crianças, fazendo delas instrumentos de trabalho fecundo e de engrandecimento nacional.

Extinguido o analfabetismo, educando, disciplinando, porporcionando um ensino pratico, adaptando a todos os ramos da actividade humana, ter-se-ha conseguido uma grande obra patriotica. Elevar o nivel moral da nação e cultivar os espiritos equivale a promover a guerra mais eficaz contra o alcoolismo, contra todos os vicios e miserias inherentes á inaptidão, á incultura e ao desamor pelo trabalho.

....

Em julho ultimo por ocasião do importante Congresso de protecção á criança, efectuado em Bruxelas, o ilustre catedratico M. Prins dizia n'um formosissimo discurso:

«Ao proteger as crianças desgraçadas, protegemo-nos a nós mesmos. Ao evitar á infancia o nocivo contacto da corrupção exterior que, como crescente maré contagia e difunde o mal, pomos um dique á brutalidade criminal e aos costumes depravados.

«Se a nossa epoca trata de estabelecer a igualdade politica entre os cidadãos desiguais, havemos de procurar que o desenvolvimento moral e intelectual das crianças contribua para melhorar a sua futura existencia.»

Entre nós pouco se tem feito no que respeita á protecção á infancia. Se isto não fosse verdade, não andariam por ahi criancinhas carregadas com pezos superiores ás suas forças, vendendo carqueja e conduzindo cestas para casa dos fregueses, pequenos seres, empregados como marçanos nas mercearias; não veriamos nos atelieres e nas oficinas rapazitos na aprendizagem de oficios, quando o seu logar era na escola.

Ha até quem pregue moralidade e tenha nas suas oficinas crianças a fazer de tipografos! As crianças são exploradas; isso é infame meus senhores...

Mas, na regeneração do paiz, cada um possue a sua ideia de conseguir alevantal-o, restituindo-lhe o bem estar e o antigo esplendor.

O sr. Ferreira do Amaral, julga que só a *defesa nacional* é que póde oferecer garantias de bem estar e uma felicidade enorme ao paiz; o sr. Antonio José é de opinião que só a *paz e o amor* é que pode tornar isto n'um Eden; o sr. Camacho tem a certeza de que isto só póde caminhar, sendo *êle prezidente d'um ministerio* composto de oito frasquinhos de veneno da *Onion*; o sr. dr. Afonso, só encontra remedio aos males do paiz, nos superavits...

*

Dizem os jornais que o sr. ministro das finanças já tem entre mãos a classificação dos concorrentes a lugar de fiscaes de 2.ª classe dos impostos, que foram divididos em trez grupos. Alguns dos concorrentes *teem cadeiras da Universidade de Coimbra!*

Ora a grande coisa!

Não ha por esse paiz fóra bachareis, servindo de amanuenses a 9000 reis por mez, fóra os descontos!?

Ha individuos que teem carta de bacharel e esta apenas lhe serve de reclame para um casamento rico; n'outros, esse diploma, é um rótulo de sabedoria, quando muitas vezes *o sabio* pouco ou nada pesca da regedoria; ainda outros ha que honram o seu diploma.

Ha por esse mundo de Cristo muitos bachareis, em qualquer das faculdades, que obtiveram o diploma por meio da empenhoca.

Para se fazer idea da sabedoria de certos mecos, basta lembrarmos que não ha muito tempo, sendo um estudante da Politecnica ou universidade de Lisboa encarregado de traduzir algumas das leis da republica, do portuguez para o francez, a 50 centimos cada 20 linhas, o homem nada fez com geito, pois enviado o trabalho ao seu destino, apenas lhe pagaram o papel!

*

Não ha homem sem homem, por mais grande e omnipotente que se seja.

Diz a Historia que, por detraz de Richelieu, estava a eminencia parda; por detraz de Luiz XIII, estava Richelieu; por detraz de Mazzarini, estava Anna d'Austria; por detraz de Robspierre, de Saint Just, de Danton, de Desmoulains e outros, estava a guilhotina; até por detraz de certo grande homem está o Jayme e os thalassas!...

Foi por isso que o sr. dr. Afionso Costa, no historico almoço, disse aquellas palavras, que causaram tanta impressão nas opposições: «Por detraz do eminente estadista, está o sr. França Borges e por detraz d'este eis um grande baluarte — *O Mundo!*»

Isoladamente, o homem não é ninguem. Mas, subir e chegar ás culminancias que deslumbram e ás grandezas que envaidecem, nem por isso se devem esquecer os companheiros d'armas.

Napoleão foi um perdulario com os seus generaes!... Se a disciplina de cima se tivesse mantido, Napoleão não teria o seu Waterloo...

Na politica portugueza ha isto: a vertigem das grandes alturas perturba o lucido espirito de individuos que nunca sonharam chegar a grandes alturas!

*

Alguns admiradores do sr. tenente coronel Coelho, uma das mais nobres figuras do 31 de Janeiro, tencionam offerecer-lhe n'aquella data um banquete.

A homenagem prestada áquelle senhor é, por todos os motivos, muito justa, pois os valiosos serviços prestados á Republica, dão-lhe direito ao respeito e consideração de todos os patriotas.

Votado ao ostracismo, apesar d'isso, continúa no seu posto, cheio de fé no futuro.

*

Muita tinta e papel se tem gasto com respeito ao caso Homero de Lencastre. Uns dizem que o homem trabalha por conta da Republica e outros affirmam que trabalha por conta da monarchia.

Trabalhe elle por conta de Pedro ou de Paulo, o que é certo é que todos aquelles que defenderam tal criatura estão collocados n'um mau campo.

A politica de mysterios não é a mais consentanea com os sentimentos do paiz.

*

Escreve-nos um leitor d'*O Zé*, perguntando-nos qual a razão porque certo jornal não continuou na sua campanha moralisadora contra a prostituição. Ao mesmo tempo informa-nos de que uma gazeta diaria vae encetar uma formidavel campanha contra os **Chulos.**

Se a *prostituição* é um mister repugnante, o de *chulo* fica-lhe dez pontos abaixo!... Oh! esta campanha poria a nú coisas maravilhosas! Muitos gravatinhas teriam que tingir as faces de vergonha e outras afastarem-se do meio social, porque gente honesta não deixaria de correr com certas creaturas...

*

Algumas casas de espectaculos baratos, aos domingos enchem-se á cunha, de tal modo que os espectadores não teem logar. Ora isto não é bonito. Os espectadores pagam, teem direito ao seu logar.

Tambem nas bilheteiras de alguns theatros e animatographos, os empregados negam-se a receber as senhas de entrada de alguns jornaes, dizendo: — *Hoje não póde ser!...*

Isto, como se dessem alguma esmola!

Seria preferivel que pagassem os reclamos, pois assim escusavam de ter a *illusão* de que nos fazem um favor, quando este é bem retribuido...

Voltaremos ao assumpto.

*

O sr. ministro da guerra, em virtude do *preço dos generos ter diminuido consideravelmente*, determinou reduzir o subsidio do rancho destinado aos cabos e soldados! Esta medida posta em confronto com a reclamação dos srs. officiaes da guarda republicana, que não podem passar sem um camarote *á borla* nos theatros, demonstra que o sr. ministro pretende administrar com economia.

A verdade é que o rancho, ha tempos para cá, era um piteu forte de mais para os soldados e as comidas fortes são indigestas.

*

Findou hontem o anno de 1913, que muita gente considerou um *anno terrivel*, uma especie de **Noventa e trez,** em ponto reduzido...

Não ha nada que menos se possa confrontar do que o 1793 com o anno que acaba de passar. O anno de 1793 foi para a França um anno terrivel. A convenção para produzir 11:210 decretos, trabalhou muito, com resultados pouco praticos. D'essa obra ficou apenas a essencia, que mais tarde veiu a ser fecunda. A convenção preparou o caminho do futuro da sociedade burgueza.

Estabeleceu a supremacia do poder civil sobre o poder militar; instituiu o jury; creou escolas; supprimiu a prisão por dividas; protegeu a indigencia e a maternidade, fazendo adoptar pela patria a infancia; libertou os negros; proclamou a solidariedade civica; decretou a instrucção gratuita; etc.

Dos 11:210 decretos da convenção, dois terços tiveram um fim humano, o que não impediu que o egoismo dos homens continue a ser o peor dos males da sociedade.

Não obstante declarar a moral universal base da sociedade e a consciencia base da lei, não deixou de mandar guilhotinar grande numero de seus membros, todos innocentes. Esses homens eram covardes e heroes. Guilhotinavam-se em nome da liberdade, sempre maltratada em todos os tempos!...

O anno de 1913 foi um anno cheio de peripecias, em que a crise dos caracteres se patenteou com toda a força, com toda a pujança, o que demonstrou que a gratidão não é apanagio de espiritos, embora cheios de luz e de intelligencia...

Para alguns, não foi preciso o andar dos tempos para lhes apagar do sentimento as antigas convicções. Bastou uma pequena transição para lançarem á margem as velhas ideias e esquecerem as tradições.

A bortoeja republicana que não lhes deu nos tempos de rapaz, chegou-lhes na occaso da vida.

O que é para notar, é o desintereses

TOMANDO ALENTO

Mesmo em férias o que pensam é em sugar, sugar... e mais nada!

com que muitos abraçaram o novo codigo o que indica que ha espiritos que caminham para a luz.

JEAN JACQUES.

Os letreiros

Consta-nos que no proximo carnaval a fiscalisação vae andar acesa sobre quem trouxer um rabo.

Em vendo rabinho mete o nariz do dito e multa o portador do apendice.

Que grande receita e que enorme *superavit* o... dos rabos!

A Festa da Familia

AO ORLANDO.

Fui empenhar a mobilia
P'ra fazer festança bôa,
E com a minha patrôa
Fiz a festa sem quisilia!

Mas uma D. Cecilia,
Que p'ra mim levanta a prôa,
Entrou-me na casa á tôa
Dizendo ser *da familia*.

Armei logo em Pedro, o «Crú»,
E a tempestade amainou
Sem lhe dar sequer um *sou*,

A familia até gostou,
Pois nas unhas dum perú
E' que a Cecilia chuchou.

Ox.

Coliseu dos Recreios

Repetem-se todas as noites as sensacionaes estreias d'esta semana e todos os atractivos da grande companhia de circo que se tem imposto a todo o publico. Levar a familia ao Coliseu é proporcionar-lhe uma noite divertida.

Boa acção

O Camacho diz que tem,
(Mas não tem)
Um bom plano financeiro:
Para um museu manda as calças
Que sujas como as dos *sálsas*
Renderão muito dinheiro.

Simplicio.

«Diario de Noticias»

Em 29 de dezembro, hontem findo, passou o 49 aniversario o *Diario de Noticias*, uma das folhas mais bem concentuadas da capital. O sr. Alfredo da Cunha, digno continuador da grandiosa obra do jornalista Eduardo Coelho, tem imprimido á grande folha, uma orientação independente que a torna uma das mais respeitadas do paiz. A sua informação é das melhores; a seriedade e saber com que são tratados os assuntos, dão-lhe o direito de ser considerada como umpercusor de civilisação, sempre pronto para á defeza de tudo quanto é justo e bom. As nossas felicitações.

Jean Jacques.

MUSICA DE CAMARA

No Olympia aos sabbados ás 16 1|2 dão-se explendidos concertos de musica de camara que tem tido um publico muito escolhido entre os nossos apreciadores de musica.

LUIZ MENDES

Com uma das peças mais festejadas do reportorio do Republica, realisa ámanhã a sua festa anual o camaroteiro Luiz Mendes. Não só por o programa estar caprichosamente organisado, como tambem pela simpatia que o festejado goza entre os «habitués» do Republica, auguramos para ámanhã uma casa á cunha.

IMITAÇÃO

Não votou outro dia o Camilo
E eu voitei no seu nome, reinando,
Não devia-o fazer, mas eu fil-o,
Bilontragimente... votando!

Um neutro.

Fulano de Tal

Honra hoje as columnas do nosso jornal, um dos melhores escriptores humoristicos, e que se occulta com o psendonymo que encima esta noticia.

Quem ler o **Almanach d'O ZÉ**, *que foi feito debaixo da sua direcção litteraria, poderá immediatamente avaliar o quanto de interessante vae ser a sua collaboração n'«O Zé», a qual segundo elle nos affirmou será effectiva. E' portanto um elemento de grande valor que os nossos leitores vão ter occasião de apreciar.*

No proximo numero, serão inaugaradas duas secções, e a chronica deverá produzir a maxima sensação.

O sr. Jervis de Athouguia, que esteve no estrangeiro a estudar o curso de engenheiro naval, e que, segundo informações que temos por fidedignas é, ta vez, o melhor engenheiro naval que temos, foi exonerado dos serviços do Arsenal da Marinha e nomeado engenheiro dos caminhos de ferro portuguezes.

E querem os illustres homens que presiuem aos destinos d'este paiz, que nós, *os pagantes* os encaremos a serio!

*

O nosso colega *O Seculo*, publicava ha dias um estudo historico a proposito de seitas religiosas terminando o por deixar os leitores em duvida, sobre qual seria a seita mais antiga, se as religiões indús de *Visnux* e *Siva*, se a de *Christo*, como se ainda se pósa ignorar que os chamados *velho* e *novo* testamentos, são uma grosseira e mal alinhavada interpretação dos textos dos livros sagrados das religiões do Industão, que por sua vêz, já tinham sido copiados d'outras religiões, ou conhecidas como a de *Buda*, de *manipansas* que teem sido encontradas nas egrejas das diversas seitas, conhecidas pelos catholicos pelo pitoresco nome de *pagodes*.

*

O sr. José Relvas não é homem que se enthusiasme com batuques de pandeiretas e castanholas, e por isso aproveitou o primeiro ensejo que a porca da politica lhe offereceu, e ála que se fáz tarde.

Quem estará á bica?

Diz-se que o logar tem impertinencias, será verdade?

Yó lo creo!

*

Toda a gente sabe que a Republica melhorou os ordenados aos seus servidores, que mais necessitados eram já de tempos desconhecidos, que entendem dever ainda ser-lhes augmentados os honorarios sempre que haja superavit, ainda que as urgencias e indispensaveis materialidades do paiz sejam inadiaveis.

Patriotismo de barriga.

*

O sr. Alvaro de Mello Machado, tem carradas de razão nas considerações que fáz n'«A Lucta» de 30 do mez e anno findo, mas nós sabemos que ha mais alguma coisa a dificultar o serviço, além da falta do vapor. — Quando o avariado vapor prestava bom serviço, muitas vezes foi perciso esperar horas e horas, pela visita sanitaria, estando os paquetes a *apitar* e a incomodar os habitantes da cidade, com excepção dos medicos encarregados das visitas de saude.

*

As nossas felicitações e um *chi do coração* ao nosso director e amigo, pela publicação do seu admiravel almanach, unico no genero e digno de figurar em todas as estantes de gente de fino gosto artistico.

Sem intenções de reclame, que não competem a esta secção, não podemos deixar de nos referir com louvor a uma obra, que os nossos leitores tomarão na devida consideração.

*

O acaso deparou-nos ha dias com um artigo assignado pelo insigne rabulista Cunha e Costa, no jornal das grandes orelhas ou seja «A Nação».

Sabendo se o que tem sido o signatario do artigo, percebesse a curiosidade de o lêr. Temos tido muitas decepções, mas nenhuma eguala a que nos foi infligida pela pobresa d'argumentos e até pelas flagrantes contradições e amontuado de menos verdadeiras demonstrações, de modo a dar-nos a impressões de que, ou Cunha e Costa dão escreveu tal artigo, ou se o escreveu, temos de lamentar a perda de um cerebro que prometia.

*

Até que emfim podemos constatar, que a imprensa séria tambem publica retratos de pessoas que praticam o bem.

O retrato de uma mãe, rodeada 6 filhos, que se via nos jornaes da manhã de domingo ultimo, provam-nos que se principia a pensar na gente honesta.

Seguramente, isto vai andando, ainda que muito pese aos racionarios de todos os matizes.

Abelha Mestra.

O "Zé" no theatro

Republica: Já nos referimos á belleza da «Caixeirinha», que percorreu toda a Europa com exito e que n'este theatro marcha em pleno successo. **Trindade:** A distincta cantora D. Maria Judice da Costa foi uma optima acquisição que a empreza fez e que lhe tem garantido esta epocha os melhores exitos. A sua voz, suave e graciosa, é apreciada, e com justiça, por todo o publico. Continúa a explendida opperetta, de Offenbach, «Gran-Duqueza de Gerolstein». **Colyseu dos Recreios:** Continuam os surprehendentes espectaculos d'esta epocha. A apresentação de numeros novos do maior vulto continúa e, assim, a corrida de dois automoveis no espaço é o melhor numero que se tem visto em Lisboa ha muitos annos. O arrojo, a audacia, a temeridade dos seus artistas, estupefacta o mais indifferente, dá calafrios ao mais fleugmatico. Numero brilhante pelo seu apparato, é um trabalho que se impõe pela temeridade dos seus artistas e pela sua correcção. Não ha ninguem que vá ao **Colyseu** que não lhe fique gravado para toda a vida na memoria um trabalho tão sensacional! **Apollo:** A engraçada operetta, de Shuwalbach, «Chico das Pêgas», continúa no cartaz d'este theatro e dando boas casas. A sua musica alegre, a sua piada de critica, o seu rico guarda-roupa e os seus scenarios pintados por mestres, terão sempre admiradores. **Avenida:** Palmyra Bastos, por si só, dá epocha feliz a qualquer theatro; Etelvina Serra egualmente o faz. E o que dizem então quando uma empreza reune essas duas estrellas, de primeira grandeza da nossa operetta, no mesmo palco? Necessariamente o resultado será sempre o alcançado pelo **Avenida:** orgulha-se de vêr sempre a casa á cunha e o publico retirar-se sempre alegre e satisfeito. Ha ainda n'este theatro uma escolha de reportorio muito criteriosa, que o impõe a toda a gente. **Polyteama:** O mais moderno theatro da capital deve envaidecer-se por, embora inaugurado ha dias, ter já publico seu, porque, sem duvida, assim é. A companhia que ali funcciona, á frente da qual resplandece a figura imminente de Cremilda de Oliveira, insigne artista de operetta que todo o publico aprecia, cuja voz, bem timbrada, se faz destacar em todos os palcos, é muito completa e bem organisada. A peça «O Toureador» é cheia de situações comicas e de muito espirito, sendo ainda ornada de musica vivaz e alegre. Aos domingos, uma orchestra, dirigida pelo notavel David de Sousa, realisa, em «matinée», concertos primorosos, que teem sido muito apreciados pelo publico e que, a pouco e pouco, se vão impondo **Gymnasio:** Em primeira representação, apresentou se, na sexta feira, «O Mysterio do quarto amarello», peça que tem todos os requisitos para fazer carreira entre nós, e que é de esperar, pois que o desempenho que obteve é deveras notavel. A explendida companhia que funcciona n'este theatro deu todo o relêvo á notavel obra que a empreza pôz em scena. **Rua dos Condes:** A revista «Patté Jornal» continúa em successo n'este theatro, dando duas sessões por noite. Os seus quadros originaes, e o seu magnifico corpo de coristas, tem-lhe garantido successo constante.

Animatògrafos

Infantil (Arco Bandeira) — Bocacio na rua — Variedades.

Chiado Terrasse — «Films darte» e concerto Caugiani.

Olimpia—Novidades animatograficas—Concertos pelo septimino.

Quintas-feiras — Matinée-rose ás 15 horas.

Salão da Trindade. — Animatógrafo.

Salão Loreto. — Animatógrafo — Fitas faladas.

Central. — Animatógrafo e concerto.

Salão dos Anjos. — Na Mala (revista).

Lingua comprida

Cá estamos no anno novo.

O azarento 13 foi-se embora coberto de maldições, como aliás teem partido todos os seus antecessores, desde que o mundo é mundo.

Afinal um verdadeiro disparate.

Os annos são todos eguaes quando não são bisextos.

A maioria da humanidade rala-se, trabalha, passa necessidades e quando chega ao dia de S. Silvestre mette as mãos nas algibeiras e não encontra um centavo para beber um decilitro.

Mas ha meninos que choraram na barriga da mãe.

Olhem aquelle sr. Nuñez de Hespanha que abichou mil e duzentos contos na loteria de lá.

Vejam o felizardo de Estarreja que se bateu com os duzentos e quarenta contos de cá!

Se esses disserem mal do 1913 precisam de uma chuva de picaretes em brasa.

> Não disemos bem nem mal
> Do anno que já findou
> Em que a gente trabalhou
> Sem possuir um real.

*

E das boas!

Uma *thalassa* mandou a um filho o seguinte bilhete nas vesperas das eleições parochiaes:

«Venho pedir e com muito interesse que na Junta da Parochia votes com a lista do ex.mo sr. F. pois é catholico, e deseja a conservação da nossa Igreja, e tu como catholico, e filho de pais muito catholicos, tambem o deves ser, o meu pedido não é politico, é catholico.»

O tal sr. F. que a reaccionaria dama recommendava é da troupe do Zé Antonio, a que pretende que a padralhada ande pelas ruas de *zarabatala* e as manas da caridade (pum) de chapeleta.

Não é preciso pôr mais na carta.

> Só dão lugar a chalaças
> Ver os typos a *minar*...
> Mas ainda ha muitos thalassas.
> N'este mundo sublunar!

*

O ridiculo caracol (sem casca) extranha que uma professora tenha dito n'*O Seculo* que tinha achado interessante ouvir as creanças de certa escola enaltecer as vantagens da Republica.

E escreve:

«E' impressionante comove e... mete dó!

Isto é um colegio de meninas.

Devem sair muito boas donas de casa.»

O que o rala é que em vez de louvarem a Republica as petizas não entoem a ladainha, cantem o hymno da carta e o bemdito.

Nojento caracol!

Quem o conheceu em tempos e o vê hoje.

O Bombarda fez muita falta!

> Foi em tempos brejeirete
> Ou p'lo menos fingiu sel-o!
> Está a pedir capacete
> De gelo.

Orlando.

Pouca sorte

Os fiscaes teem feito ultimamente grandes aprehensões de alcool.

Descobrem automoveis, farejam coletes e agarram tripas como uns heroes.

Apostamos em como não houve faro para agarrar os gatunos das ourivesarias que levavam candonga de mais.

E' um fáro especial.

Effeitos do Ze

> Menina que em leituras se distráia,
> leituras que no rir façam filé,
> ali no seu *boudoir*, ao ler o Zé,
> co'o Zé rebola a rir-se em fofa alfaia.
>
> Se banhos vai tomar, nada *se ensaia*,
> para mostrar ter gosto e ter gajé;
> aos que a faz rir o Zé, e logo, olé,
> co'o Zé rebola a rir-se sobre a praia.
>
> Se vai; tambem, ao campo e sem canceira,
> de rir visto que o rir dá bom aspeito,
> co'o Zé rebola a rir-se sobre a eira.
>
> E quando o temporal lá vem desfeito,
> ao recolher-se ao leito de solteira,
> co'o Zé rebola a rir-se sobre o leito

K. K. To.

O misterio do quarto amarello

E' o titulo da peça, genero policial que o *Gymnasio* explora e cujas scenas imprevistas e emocionantes agradam em extremo a todo o publico. O desempenho de toda a companhia é muito correcto, destacando-se a mimosa Zulmira Ramos e M. de Carvalho que empenhou todo o seu valor em destacar o seu papel.

A GRANDE FITA HOMERICA

O Zé: — A mim não me intrujam vocês!!!